

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO – UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

EMILLY MELISSA PEREIRA CORREIA
TAÍZA DA SILVA LIMA

**ASSEXUALIDADE: O SURGIMENTO DE UMA NOVA
IDENTIDADE SEXUAL**

RECIFE/2023

EMILLY MELISSA PEREIRA CORREIA
TAÍZA DA SILVA LIMA

ASSEXUALIDADE: O SURGIMENTO DE UMA NOVA IDENTIDADE SEXUAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC I do Curso de Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador(a): Prof. Me. Danilo F. Silva.

RECIFE/2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

C824a Correia, Emilly Melissa Pereira.

Assexualidade: o surgimento de uma nova identidade sexual/ Emilly
Melissa Pereira Correia; Taíza da Silva Lima. - Recife: O Autor, 2023.
22 p.

Orientador(a): Me. Danilo F. Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Assexualidade. 2. Assexuais. 3. Psicologia. I. Lima, Taíza da
Silva. II. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. III. Título.

CDU: 159.9

EMILLY MELISSA PEREIRA CORREIA
TAÍZA DA SILVA LIMA

ASSEXUALIDADE: O SURGIMENTO DE UMA NOVA IDENTIDADE SEXUAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Disciplina TCC II do Curso de Psicologia do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão do curso.

Examinadores:

Orientador - Prof. Me. Danilo F. Silva.

Examinador 1

Examinador 2

Nota: _____

Data: ___/___/___

À Comunidade Assexual e a todos que dela fazem parte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me guiado por toda essa trajetória. Aos meus amigos e familiares, por me oferecerem suporte e leveza. As minhas gatas, Arya, Sansa e Shae, por serem minhas pequenas fontes de serotonina.

Agradeço ao nosso orientador, por ter nos dado assistência para construção desse trabalho. Obrigada a Taíza, por ter sido minha parceira nesses quase dois anos de pesquisa. Em especial, agradeço aos membros da comunidade Assexual, por sempre terem sido receptivos e acolhedores nos momentos em que necessitamos explorar suas histórias.

Por último e mais importante: agradeço ao meu pai, por ser a pessoa mais incrível, forte e admirável que já conheci. Ele sempre carregou todo o peso do mundo nos próprios ombros, e fez tudo o que podia para que eu não tivesse que fazer o mesmo. Obrigada por me dar seus olhos e sempre ter estado do meu lado, mesmo quando eu estava errada. Eu tive meus melhores dias com você.

Emilly Correia

Agradeço a Deus por me dar condições e graça em toda a minha caminhada, até chegar nesse exato momento em que escrevo.

Agradeço aos meus pais, Darci Maria da Silva e Inaldo Domício de Lima por sempre me apoiarem em minhas decisões e por sempre estarem presentes em todos os momentos de minha vida, sempre lá, como colunas que sustentam uma obra em construção. Meus pais foram exemplo de coragem, determinação e de caráter, e é uma honra ser filha deles.

Agradeço a minha parceira de trabalho, Emilly, por toda a dedicação e paciência durante todo esse tempo que investimos nessa temática, uma grande parceria e admiração mútua.

Agradeço ao orientador Danilo Silva por todo apoio nesse processo.

Agradeço aos familiares e amigos por todas as palavras de apoio e por me incentivarem durante minha trajetória.

Agradeço por cada sonho e pela chance realizá-los. Nunca foi fácil e nunca vai ser, porém é aí que está toda a graça.

Taíza Lima

Talvez a gente seja o que não pode deixar de ser.

John Green

RESUMO

O presente trabalho tem como propósito explicar o que é a assexualidade, apresentando ao leitor o conceito e definições que envolvem o tema, através de um panorama histórico, também demonstra como a assexualidade foi ganhando espaço em diversos estudos gerando curiosidade a décadas. Veremos nesse artigo aspectos sociais e psicológicos em torno do tema ao longo de sua trajetória de descoberta e conceitualização e como tais aspectos influenciam a sociedade e o indivíduo assexual na atualidade. Esta pesquisa surge como resultado de discussões de artigos científicos e observações das demandas sociais relacionadas ao tema, enfatizadas pelas autoras como demandas que requerem urgência e necessitam de profundidade teórica. As autoras buscam com esse artigo dar visibilidade a Assexualidade e produzir material científico para explanação da temática.

Palavras-chave: Assexualidade; Assexuais; Psicologia.

RESUMO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

O presente trabalho tem como propósito explicar o que é a assexualidade, apresentando ao leitor o conceito e definições que envolvem o tema, através de um panorama histórico, também demonstra como a assexualidade foi ganhando espaço em diversos estudos gerando curiosidade a décadas. Veremos nesse artigo aspectos sociais e psicológicos em torno do tema ao longo de sua trajetória de descoberta e conceitualização e como tais aspectos influenciam a sociedade e o indivíduo assexual na atualidade. Esta pesquisa surge como resultado de discussões de artigos científicos e observações das demandas sociais relacionadas ao tema, enfatizadas pelas autoras como demandas que requerem urgência e necessitam de profundidade teórica. As autoras buscam com esse artigo dar visibilidade a Assexualidade e produzir material científico para explanação da temática.

Keywords: Asexuality; Asexuals; Psychology.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS	5
3. REFERENCIAL TEÓRICO	5
3.1. Breve levantamento histórico da assexualidade.....	5
3.2. Assexualidade e mídias digitais: uma explosão de visibilidade.....	7
3.3. Definindo o conceito de assexualidade.....	9
3.4. Conceitualização da assexualidade na atualidade.....	10
4. DELINEAMENTO METODOLÓGICO	13
5. RESULTADOS	14
6. DISCUSSÃO	24
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, o termo Assexualidade vem ganhando significado e se conceitualizando ao longo da história através de pesquisas científicas e discussões sociais. Inicialmente pouco explorado e associado a patologias e disfunções libidinais, a assexualidade hoje se conceitua como uma identidade e orientação sexual fluida dentro da diversidade LGBTQIA+ e vem ganhando cada vez mais visibilidade e sendo pauta de debates sociopolíticos, sobretudo no ambiente virtual.

Criada em 2001 pelo norte-americano David Jay, a Asexual Visibility and Education Network (AVEN, 2001) define assexual como "uma pessoa que não experiencia atração sexual - ela não é atraída sexualmente por pessoas e não deseja agir de acordo com a atração por outras de uma forma sexual". Porém, atualmente tal definição torna-se muito superficial e não abarca todas as formas de vivenciar a assexualidade, visto que há uma grande diversidade dentro do espectro assexual.

Por ser uma temática ainda pouco propagada na sociedade, observa-se poucas discussões sociais acerca do assunto. O interesse em iniciar essa pesquisa surgiu da necessidade de que haja cada vez mais diálogos, visibilidade e intervenções sobre a assexualidade. Criando assim, espaços para aprendizados e trocas de vivências, incentivando a propagação de informações e discussões. Além disso, facilitar o autoconhecimento e a construção da identidade em pessoas assexuais.

Nota-se a demanda para que profissionais de psicologia possuam conhecimento sobre a temática, sobretudo porque o acompanhamento por parte de um profissional pode possibilitar aos indivíduos um processo de descoberta saudável, onde a legitimidade de sua identidade sexual possa ser assegurada, evitando que seja vista como um comportamento anormal, doença ou disfunção.

Tendo em vista todos os aspectos sociais e a relevância do tema, essa pesquisa busca responder: como a assexualidade surgiu e se consolidou como uma nova identidade sexual e quais os impactos no indivíduo em sociedade?

Sendo assim, temos como objetivo explorar a origem do conceito da assexualidade e quais seus desdobramentos até os dias atuais. Para isso, realizaremos um levantamento histórico da concepção da assexualidade, explorando como nasceu, se definiu e se estabeleceu na atualidade. Identificando como se dá a construção da identidade assexual no indivíduo e compreender como essa evolução afeta o sujeito em sociedade.

O presente estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso e utiliza-se de revisão de literatura. Para a compreensão da temática foram usadas referências de livros, artigos científicos, trabalhos acadêmicos, reportagens e sites que foram relevantes para a abordagem do tema.

2 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Objetivo geral: explorar a origem do conceito de assexualidade e quais seus desdobramentos até os dias atuais.

Objetivos específicos: realizar um levantamento histórico da concepção da assexualidade, explorando como nasceu, se definiu e se estabeleceu na atualidade; identificar como se dá a construção da identidade assexual no indivíduo; e compreender como essa evolução afeta o sujeito em sociedade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 BREVE LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA ASSEXUALIDADE

Apesar de ser um tema que vem ganhando maior visibilidade nos últimos anos, historicamente algumas obras aludem a assexualidade, embora não a tenham conceitualizado (BEZERRA, 2019).

A primeira aparição do tema é associada a uma pesquisa realizada por Alfred Kinsey em 1948 e 1953, com aproximadamente 1.800 cidadãos estadunidenses, nomeada *Sexual Behavior in the Human Male* e *Sexual Behavior in the Human Female*. Nesta pesquisa foi correlacionado estatisticamente os comportamentos sexuais relatados pelos participantes, divididos em uma escala de orientação sexual heterossexual e homossexual. A pesquisa feita por Kinsey (1948 e 1953) verificou um número significativo de indivíduos que relatavam baixa ocorrência de atividade sexual ou desejo pela mesma. Foram considerados como indivíduos apáticos, que possuíam baixa libido associada a diversos fatores externos como, por exemplo, situação de encarceramento onde não se sentiam à vontade para se masturbarem ou ocasionalmente manter relações com outros detentos. Notou-se que a maioria desses entrevistados possuíam algumas características significativas que poderiam estar correlacionadas com a baixa libido, como debilitações físicas, deficiências mentais, questões religiosas, timidez extrema, inibição ou por temerem contato com outros indivíduos. Porém, nos resultados não se encontra o conceito assexualidade como é

conhecida atualmente. Apesar disso, pode se entender como um dos primeiros registros de aparição da ideia de assexualidade (BEZERRA, 2019).

Em 1977, com a publicação de um artigo escrito por Myra T. Johnson, o termo assexualidade é abordado pela primeira vez em uma coletânea de artigos sobre minorias sexuais. Intitulado “Mulheres autoeróticas e assexuais: dois grupos invisíveis”, o artigo discute sobre a opressão e exclusão causada pela sociedade em mulheres assexuais – ou seja que não praticavam o ato sexual. Foi relatado, baseado em cartas escritas por diversas leitoras, o incômodo causado nessas mulheres ao se depararem em contexto social sexualizado em que a imagem feminina retratada em revistas não as abarcava. Buscando dar visibilidade a essa temática, Johnson (1977) utilizou-se disso para realizar uma série de críticas a ditadura do sexo e o conceito de sexualidade da época, dando visibilidade aos temas e a esse grupo de mulheres que se sentiam oprimidas. Sua forma de descrever a assexualidade se aproxima bastante dos conceitos atuais, o que contribuiu bastante para que a assexualidade fosse conceituada e respeitada como uma nova forma de vivenciar a sexualidade no decorrer das próximas décadas (BEZERRA, 2019).

Em um estudo realizado por Michael D. Storms em 1980, chamado “Teorias da Orientação Sexual”, propõem-se um modelo cartesiano baseado na orientação erótica, que consiste em um sistema de coordenadas que utiliza eixos perpendiculares (horizontal e vertical) para representar de forma precisa pontos e relações em um plano ou espaço. Em seu estudo das orientações, ele apresentou neste modelo as orientações eróticas heterossexual (relações sexuais mantidas por indivíduos do sexo oposto), homossexual (relações sexuais mantidas por indivíduos do mesmo sexo) e orientação bissexual (relacionada ao indivíduo que se relaciona sexualmente com indivíduos de ambos os sexos). Porém, em seus resultados obteve quatro possibilidades, sendo a quarta orientação erótica a assexualidade - indivíduos que apresentaram pouca orientação erótica para ambos os pontos - esses seriam os indivíduos assexuais. Para Storms (1980), dos seus entrevistados esses eram os que apresentavam pouca ou nenhuma orientação sexual, entretanto, como seu objetivo de pesquisa era se aprofundar no estudo da homossexualidade e bissexualidade, o autor não explorou mais sobre a assexualidade (BEZERRA, 2019).

Três anos depois, em 1983, Paula S. Nurius introduziu pela primeira vez a assexualidade como uma quarta orientação sexual, utilizando também o modelo cartesiano. No entanto, diferentemente de Storms (1980), Nurius concentrou-se

especificamente no estudo da assexualidade. No entanto, ela relacionou essa orientação a uma perspectiva patológica, tanto física quanto mental, e destacou aspectos negativos da personalidade. Essa abordagem difere da visão atual da assexualidade como uma forma saudável de expressão da sexualidade, conforme defendido por Johnson (1997) e pela comunidade assexual contemporânea (BEZERRA, 2019).

Em 1993, foi publicado o livro "Boston Marriages: Romantic but Asexual Relationships Among Contemporary Lesbians" pelas psicólogas Esther D. Rothblum e Kathleen A. Brehony, abordando a assexualidade no contexto de relacionamentos entre mulheres lésbicas. A obra propôs uma ampliação do pensamento, introduzindo novas possibilidades de intimidade nas relações e contribuindo para a compreensão da identidade assexual naquela época. Embora tenham definido a assexualidade como "ausência de atividade sexual", não enfatizando os aspectos identitários, como o desejo e a atração, seu estudo foi fundamental para o desenvolvimento conceitual do tema nos anos seguintes (BEZERRA, 2019).

Um ano depois, ao estudar pessoas transexuais, James N. Green (2000) publica seu trabalho referindo-se a assexualidade observada em alguns de seus entrevistados e postula como "falta de atração ou comportamento sexual". Porém, não se detém muito ao tema, mas contribui com seus registros trazendo a possibilidade de associar a assexualidade a questões internas do indivíduo e não apenas questões comportamentais (BEZERRA, 2019).

Storms (1980) e Nurius (1983) mesmo apresentando a assexualidade como patologia foram essenciais para a discussão e propagação do tema, essas obras resultaram em estudos posteriores e contribuíram ao constituir a assexualidade como uma orientação sexual. A visão de Johnson (1977) pode ser considerada como deflagradora de uma linha de pensamento em que a assexualidade é vista, assim como nos dias atuais, como uma forma natural de expressão da sexualidade humana, buscando a despatologização e visibilidade social para o tema (BEZERRA, 2019).

3.2 ASSEXUALIDADE E MÍDIAS DIGITAIS: UMA EXPLOSÃO DE VISIBILIDADE

Com o advento da tecnologia, as mídias virtuais tornaram-se o principal aliado na propagação do tema com o intuito de educar sobre a assexualidade, dar visibilidade a temática e criar um espaço onde quem se identifique com o tema possa compartilhar suas vivências. O primeiro grupo de assexuais na internet foi a seção de comentários

do artigo “Minha vida como uma ameba” de Zoe O'Reilly publicado pela StarNet em 1997, onde a autora discorre sobre sua vida e o não desejo por sexo. Esse espaço teria se tornado um ambiente para compartilhamento de informações e busca por apoio (SILVA, 2021).

No início dos anos 2000, um grupo criado no site Yahoo foi o responsável pela criação da primeira comunidade assexual. Intitulado Haven for the Human Amoeba – HHA (Refúgio para as amebas humanas), o grupo que tinha como objetivo a interação por mensagens e discussões de fóruns, cresceu consideravelmente em membros e conteúdos sobre a assexualidade (BEZERRA, 2019).

Nos primórdios do surgimento das comunidades assexuais, a ameba - organismo unicelular que se reproduz por meio da divisão - era uma espécie de mascote para os assexuais, daí ser sempre citada com referência à assexualidade (OLIVEIRA, 2014, p.65).

Alguns indivíduos relatam que, ao expressar que se identificam como assexuais, muitas vezes foram questionados “o que é isso? Você é alguma ameba?”. Isso resulta também em uma confusão entre os termos assexual e assexuado, visto que as pessoas ao terem entrado em contato na escola com o termo da biologia “assexuado”, que se refere aos organismos que se reproduzem por meio não sexual, ou seja, por divisão celular ou brotamento, acabam relacionando uma coisa à outra. Entretanto, o termo assexuado é considerado ofensivo e não é utilizado pelos membros da comunidade, uma vez que afirmam que conota a um sentido de anomalia. Apesar disso, a ameba tornou-se, de forma humorada, um dos símbolos usados pela comunidade assexual (OLIVEIRA, 2014).

O estudante californiano David Jay buscava por visibilidade e contato com outras pessoas assexuais. Criou em 2001 um site denominado The Asexual Visibility and Education Network – AVEN (Rede de Visibilidade e Educação Assexual). O intuito era apresentar conteúdos sobre a assexualidade e buscava por uma melhor visibilidade do tema, suscitando assim em debates públicos a respeito de melhorias sociais e representatividade social, além de propiciar interesse acadêmico que resultou em estudos posteriores sobre o assunto. O fórum cresceu de tal modo que hoje em dia é considerado e citado como referência para estudos e reportagens sobre a temática, contando com mais de 90 mil membros e alcançando mais de 15 países (BEZERRA, 2019).

3.3 DEFININDO O CONCEITO DE ASSEXUALIDADE

A identidade é um processo social que envolve os sentimentos e percepções individuais, construído a partir de dados pessoais, história de vida e atributos conferidos tanto por si mesmo quanto pelos outros. A Psicologia Social busca compreender a interação entre o indivíduo e a sociedade no desenvolvimento da identidade, reconhecendo que ela está em constante movimento e diálogo com o mundo social. É impossível abordar a identidade apenas de forma individual, ignorando sua dimensão social e histórica (PEDRO, 2005).

O conceito de identidade é amplamente utilizado em diversas áreas do conhecimento, desde a lógica até as ciências humanas. Ele permeia a linguagem comum e o vocabulário teórico, sendo aplicado em contextos como a identidade pessoal, jurídica, cultural e nacional. Enquanto no domínio lógico a identidade se refere à singularização, no campo psicológico a identidade pessoal surge da diferenciação do eu em relação aos outros e das interações interpessoais. Embora o corpo e sua representação desempenhem um papel na formação da identidade pessoal, eles não são suficientes para sua constituição completa (CARVALHO, 1999)

No entanto, com o avanço da internet, surgiram novas formas de compreender a identidade, especialmente nas comunidades online e no ciberespaço. Essas formas de identidade são caracterizadas por serem deslocalizadas, imateriais, independentes e livres. Nesses territórios virtuais, são criados espaços que permitem uma apresentação de si mesmo baseada principalmente nas relações sociais ali estabelecidas, em contraste com as experiências vivenciadas individualmente no dia a dia (MUNÁRRIZ, 2019).

Um grupo em particular, os assexuais, emerge como representantes e defensores de uma identidade sexual diferente, considerando-a tão legítima e válida quanto as orientações heterossexual, homossexual e bissexual. Os assexuais têm orgulho de sua compreensão da sexualidade e buscam o reconhecimento social da assexualidade como uma forma de vida saudável e respeitável. Eles reivindicam o reconhecimento dos direitos sexuais em todas as suas formas, incluindo a orientação assexual. Essa busca pelo reconhecimento está intrinsecamente ligada à formação de uma nova imagem de si mesmos, à melhoria da comunicação com seus parceiros (se os tiverem) e à aceitação por parte de familiares, amigos e companheiros. Além disso, os assexuais almejam romper com a imposição de normas relacionadas à sexualidade genital, questionar os fundamentos empíricos dos modelos tradicionais

de sexualidade e, em última instância, contribuir para a criação de um novo modelo de compreensão da sexualidade (MUNÁRRIZ, 2019).

A AVEN (2001) define assexual como "uma pessoa que não experiencia atração sexual - ela não é atraída sexualmente por pessoas e não deseja agir de acordo com a atração por outras de uma forma sexual". Porém, sabe-se que atualmente essa definição não engloba completamente todo o conceito e as várias formas de se vivenciar a assexualidade.

Por a assexualidade se manifestar de forma bastante subjetiva, a atividade sexual pode ser vista de maneiras diferentes pelos indivíduos. Por exemplo, atividades masturbatórias ou que não envolvem penetração são geralmente consideradas apenas atividades fisiológicas. Para alguns, há até a possibilidade ocasional de relações sexuais, contudo, estas acontecem dentro de situações e critérios específicos, priorizando laços emocionais e afetivos (ROZENTHAL, 2019).

Ressalta-se que a assexualidade difere do celibatário. No celibato, a pessoa escolhe, por inúmeros motivos, se privar do ato sexual. Ou seja, é uma decisão ativa tomada por razões pessoais, mais comumente ligadas a religião. Já a assexualidade é considerada como uma identidade e não uma escolha, sendo uma parte intrínseca do indivíduo (MUNÁRRIZ, 2019).

Absolutamente não se sentem doentes, nem do ponto de vista psíquico nem do somático [...] A agitação social que esta iniciativa provocou, demonstra como, em uma época em que os desejos sexuais mal se sujeitam a julgamentos sociais e religiosos, parece haver um único tabu: não gostar de sexo (FIEDLER, 2008, p.23).

Destaca-se ainda que a assexualidade não é uma patologia ou trauma, é simplesmente uma outra forma de vivenciar a sexualidade, com suas próprias visões de sexo, relacionamentos, afeições, orientações sexuais e românticas (MUNÁRRIZ, 2019).

Como mencionado, a assexualidade se manifesta de forma altamente subjetiva. Por esse fato, haverá bastante diversidade dentro da comunidade assexual em relação as experiências, preferências, necessidades, atração, entre outros. A partir disso, buscando englobar essa variedade e determinadas características, criaram-se diversos subgrupos e classificações no espectro assexual (STEFANELLI, 2020).

Mais popularmente conhecidos e ligados a definição básica de assexualidade, estão os chamados assexuais aromânticos ou estritos, uma vez que as pessoas que

se identificam com essa categoria não sentem atração sexual, nem possuem interesse em relacionamentos românticos. No entanto, continuam estabelecendo laços emocionais com amigos e familiares (STEFANELLI, 2020).

Outras subcategorias presentes no espectro da assexualidade são os assexuais românticos e Gray-A. Respectivamente, os assexuais românticos estão em busca de relacionamentos amorosos, porém sem a presença de relações sexuais. Ainda nessa categoria, estão presentes as orientações afetivas: heterorromântico, homorromântico, birromântico e panromântico (STEFANELLI, 2020).

Quanto a Gray-A, configura-se no limbo entre a sexualidade e assexualidade, bem como entre os românticos e arromânticos. Numa melhor compreensão, há duas subcategorias dentro da também conhecida área cinza, sendo elas: gray românticos, aqueles que sentem atração sexual romântica, mas não necessariamente concretizam o ato; e demirromânticos, que apenas sentem atração sexual na presença de um laço ou vínculo afetivo (STEFANELLI, 2020).

Vale ressaltar que a pessoa pode considerar-se como assexual sem necessariamente sentir a necessidade ou identificação com essas categorias, sendo a sexualidade consideravelmente fluida e subjetiva. Criada pela AVEN, a bandeira usada como símbolo da visibilidade assexual compreende bem essa diversidade: é composta por quatro cores, cada qual buscando abordar as categorias e subgrupos presentes no espectro. Inicia-se com a cor preta, que vem para representar a completa ausência de desejo sexual, os arromânticos e estritos; em seguida, a cor cinza abrange as pessoas que, sob determinadas condições e situações, podem sentir atração e manter relações sexuais; o branco busca englobar a sexualidade em sua totalidade, pessoas ativas sexualmente; e por último, o roxo embarca toda a comunidade assexual em sua completude (LEMOS, 2018).

3.4 CONCEITUALIZAÇÃO DA ASSEXUALIDADE NA ATUALIDADE

Atualmente, vivencia-se na sociedade diversas novas formas de enxergar e interpretar a sexualidade. Há uma maior liberdade em relação a comportamentos e preferências sexuais, o que faz surgir novas concepções de compreender o sexo e as inúmeras identidades sexuais e de gênero. Nesse contexto, surge e se estabelece os chamados “assexuais” (MUNÁRRIZ, 2019).

Por se encontrarem em uma sociedade erotizada, sentem-se estigmatizados e oprimidos, muitas vezes sendo rotulados como “anormais” ou portadores de alguma

patologia. Pela falta de conhecimento, algumas narrativas são dirigidas aos indivíduos assexuais supondo que sofreram algum tipo de trauma na infância e que esse evento justifica a identidade assexual. Relata-se o incômodo com perguntas como “há algo de errado com seus hormônios?” Ou “você foi abusado quando era criança?” que são dirigidas aos indivíduos assexuais (LIMA, 2021).

Corroborando com essa visão patológica, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) por muito tempo considerou a assexualidade como parte da categoria das disfunções sexuais. Em sua terceira edição, caracterizou a redução do desejo sexual e de fantasias como o transtorno de Desejo Sexual Inibido (ISD), posteriormente o renomeando para Transtorno do Desejo Sexual Hipoativo (HSDD). Em sua quinta edição, passa a separar o HSDD por gênero, tendo assim o Transtorno do Desejo Sexual Masculino Hipoativo ou Transtorno do Interesse/Excitação Sexual Feminino. Tal mudança deu-se pelo fato de ter sido observado que, diferente dos homens, para as mulheres não há uma discriminação clara entre desejo e excitação sexual (SANTOS, 2019).

Ambos os transtornos possuem como característica principal a diminuição ou inexistência de desejo e fantasias sexuais, outros sintomas são a falta de disposição para atividades sexuais e excitação e a redução ou ausência de prazer e sensações genitais. Os sintomas devem ter uma duração de, no mínimo, seis meses e é essencial que causem algum tipo de sofrimento psíquico para o indivíduo (SANTOS, 2019).

Um dos fatos que exclui a assexualidade como parte do HSDD e demais transtornos sexuais é o fato de que, nas pessoas assexuais, as funções físicas que são relacionadas a excitação (ereção, orgasmos e lubrificação) encontram-se preservadas. Já em relação ao sofrimento psíquico torna-se mais complexo, uma vez que algumas pessoas que se consideram assexuais passam por situações angustiantes de preconceitos, pressões sociais e problemas em relacionamentos, o que pode levá-los a sentirem-se como errados ou anormais (SANTOS, 2019).

[...] a proposta da assexualidade como uma orientação sexual não tem a intenção de anular o diagnóstico de disfunções sexuais relacionadas ao desejo sexual hipoativo. Em sua página virtual, a AVEN esclarece que se alguém perdeu subitamente o interesse por sexo ou não responde a estímulos sexuais seria adequado procurar um médico para uma avaliação. Portanto, um dos maiores desafios presentes na vida dos assexuais consiste nesse processo de diferenciação entre assexualidade e disfunções sexuais (SANTOS, 2019, p.6-7).

Atualmente, graças ao esforço da comunidade, vem sendo quebrado os rótulos de doença e anormalidade em referência a assexualidade. O DSM V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) já não considera a assexualidade como parte das disfunções sexuais e exclui do diagnóstico a pessoa que se identifica como assexual (SANTOS, 2019). Portanto, ressalta-se que a assexualidade não se trata de uma patologia, mas algo comum e inerente ao indivíduo, apenas mais uma forma de vivenciar a sexualidade em toda sua subjetividade (LIMA, 2021).

Fugindo da opressão que muito enfrentam em sociedade e buscando apoio e acolhimento, a comunidade assexual cresceu de forma relativamente rápida e forte no ambiente virtual. Buscando o reconhecimento e legitimidade de sua identidade, a criação de grupos em fóruns e redes sociais possibilitou as pessoas que se identificam como assexuais o acesso a um ambiente em que possam sentir-se seguros e reconhecidos, livres para compartilhar seus sentimentos e experiências uns com os outros, favorecendo trocas e criações de vínculos entre eles. Assim, a assexualidade vem conquistando maior visibilidade na sociedade e um dos maiores fatores é através das mídias online, que contribui também para o conhecimento da temática (SILVA, 2021).

Historicamente, a sexualidade está ligada ao poder e opressão social. Sendo assim, qualquer variação do padrão imposto aconteceu de forma oculta durante os anos. Antes do avanço da internet havia uma grande dificuldade para conexão e trocas de experiências entre os assexuais. Tais avanços contribuíram para conectá-los. Na rede social Facebook, particularmente, há hoje um grande número de grupos voltados para a temática da assexualidade, que contam com milhares de membros. Nesses grupos, pessoas tiram suas dúvidas, compartilham relatos e vivências, aconselham-se e ajudam-se mutuamente (SILVA, 2021).

Veem-se os assexuais como um grupo minoritário, mas também se aceita que a análise de suas ideias e propostas – a despeito de qualquer juízo de valor que delas se faça – nos ajudará, com toda certeza, a compreender melhor a sexualidade humana (MUNÁRRIZ, 2019, p.79).

Essas mudanças proporcionaram o interesse na realização de pesquisas científicas sobre o tema, reconhecendo a necessidade de se entender e estudar esse grupo social e sua visão distinta da sexualidade (MUNÁRRIZ, 2019).

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente estudo trata-se de um Trabalho de Conclusão de Curso e foi caracterizado como uma revisão sistemática de literatura que, segundo Thomas e Nelson (2002), é um tipo de pesquisa que realiza um levantamento da produção científica de um tópico particular. Caracteriza-se como uma pesquisa de método qualitativo de coleta de dados, a qual envolve análise, avaliação e integração da literatura publicada.

Segundo Fonseca (2002, p.32),

a pesquisa bibliográfica é realizada a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A temática abordada trata-se da Assexualidade, explorando sua origem, desdobramentos e os aspectos psicológicos envolvidos no ser assexual. O levantamento bibliográfico foi realizado por meio das bases eletrônicas Google Acadêmico e Scientific Electronic Library (SciELO). Para busca foram utilizadas as seguintes palavras-chave: assexualidade, assexuais, identidade assexual, história da assexualidade, aspectos psicológicos e psicologia.

Durante a pesquisa, foram encontrados aproximadamente 1.760 resultados. Para avaliação do material utilizou-se da leitura dos resumos e introdução dos artigos selecionados, enquanto para os livros a leitura da sinopse e título e introdução dos capítulos. Teve-se como critério de inclusão materiais em língua portuguesa, espanhola e inglesa que se tratava sobre a origem da assexualidade, suas definições atuais, os aspectos psicológicos da construção da identidade assexual e os impactos no indivíduo e sociedade, os quais tiveram relevância para o tema abordado. Como critério de exclusão descartou-se materiais de outras línguas e que não tiveram relevância ou divergiam da temática explorada, como pesquisas explorando a assexualidade em relação ao contexto educacional, a sexualidade em pessoas idosas e na infância e artigos de biologia referentes a organismos assexuados e reprodução assexual.

Desses foram selecionados 7 artigos e 3 livros, dos quais foram utilizados apenas 4 artigos, 1 livro e um site para a produção do texto por corresponderem ao foco da pesquisa.

5 RESULTADOS

Autor	Ano	Título	Objetivo	Resultados	Consideração Final
BEZERRA, Paulo Victor	2019	Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI	O propósito deste estudo é retomar a noção de assexualidade e desde suas primeiras menções em textos acadêmico-científicos e esclarecer seus usos e os rumos das pesquisas até o presente.	Traz um panorama histórico das principais pesquisas que relacionam o termo e a ideia de assexualidade e suas classificações e estudos até sua conceitualização.	Conclui-se que inicialmente a assexualidade foi pouco explorada e em alguns estudos apareceria atrelada a uma ideia patológica e disfuncional nos indivíduos que não apresentam ou apresentam pouca atividade sexual. Ao longo do tempo, surgem novos estudos onde se conceitualiza e relaciona-se a assexualidade a questões subjetivas e identitárias do indivíduo.
FONSECA, João José Saraiva	2002	Metodologia da pesquisa científica	Compreender e explicar o que é ciência e metodologia da pesquisa científica.	Caracteriza o que é uma pesquisa bibliográfica e como utilizá-la como método de	O pesquisador busca visitar materiais anteriores a pesquisa atual, ou seja, conhecer o que já foi abordado por outros pesquisadores

				produção científica.	sobre o tema desejado, interpretando os resultados buscando solucionar a pergunta problema em questão.
GREEN, James	2000	Birth order and ratio of brothers to sisters in transexuals	Registrar estatisticamente a ordem de nascimento e proporção de irmãos para irmãs em pessoas transexuais	Traz um estudo votado para pessoas transexuais em que observou a falta de desejo e atividade sexual e alguns de seus participantes.	Seu estudo contribuiu com a apresentação de questões subjetivas desses indivíduos em relação ao desejo e atração, associando a assexualidade a questões subjetivas e não apenas comportamentais.
JOHNSON, Myra	1977	Asexual and autoerotic women: two invisible groups	Discutir sobre a opressão e exclusão causada pela sociedade em mulheres assexuais.	Johnson da visibilidade a um grupo de mulheres assexuais que relatavam seu incômodo pela forma que a imagem feminina era retratada e faz críticas a uma sociedade erotizada, que oprime	Neste trabalho, Johnson traz visibilidade a temática da assexualidade e critica os padrões sociais impostos naquela época. Foi de extrema importância para a conceitualização da assexualidade, pois a aborda como uma forma natural de vivência, trazendo conceitos que se assemelham aos atuais.

				e desvalida vivências que diferem da normativa.	
KINSEY, Alfred	1948 e 1953	Sexual Behavior In The Human Male e Sexual Behavior in the Human Female	Acumular informações objetivas e determinadas sobre sexo, evitando estritamente interpretações sociais ou morais do fato.	Foi feita uma pesquisa estatística com homens e mulheres, a qual foi observado os relatos de comportamentos sexuais desses indivíduos, associando a falta de interesse sexual a questões religiosas, deficiências, inibições e timidez social.	Apesar de não se deter ao tema da assexualidade, Kinsey colaborou com sua pesquisa ao registrar a existência de indivíduos com pouco ou nenhum desejo sexual.
LEMOS, Vinicius	2018	Quem são os assexuais: relatos de brasileiros que não se interessam por sexo	Busca trazer relatos de vivências e experiências de pessoas assexuais de nacionalidad e brasileira.	A pesquisa traz uma reflexão de como se configuram os relacionamentos de pessoas assexuais lidam com a descoberta,	Conclui-se que mesmo que haja categorias diversas dentro da assexualidade, há também uma grande fluidez ao expressá-la, onde o indivíduo não precisa necessariamente se identificar

				questões sociais e como a variedade da comunidade é expressa através de seus símbolos.	dentro de alguma dessas categorias. Todo o processo de identificação vai de acordo com sua subjetividade e vivências. Nota-se a importância que é dada a sua pluralidade sobretudo através dos símbolos usados para representá-la, como a bandeira assexual.
LIMA, Camila Marcela Nemezio	2021	Assexualidade: os desafios para o reconhecimento e aceitação social	Investigar os desafios frente ao reconhecimento e aceitação social da assexualidade.	Este estudo busca promover a reflexão social a respeito da assexualidade, como a sociedade invalida a crescente demanda por discussões a respeito da temática e como os assexuais se sentem oprimidos por não serem reconhecidos naturalmente e em sua forma de	Retrata como pessoas assexuais muitas vezes sentem-se rotuladas e oprimidas por uma sociedade erotizada, em que o que diverge da normatividade é visto como anormal e disfuncional e, portanto, invalidado.

				experienciar sua sexualidade	
MUNÁRRIZ, Luis Álvarez	2019	A Identidade “as sexual”	Discorrer sobre o surgimento de uma nova forma de compreender e viver a sexualidade, a chamada Identidade Assexual.	Traz a assexualidade de como uma identidade sexual, explorando conceitos identitários e suas diversas formas de manifestação, como relacionamentos, visões, afeições e orientações. Discute também sobre a diferença entre assexualidade e celibato, trazendo uma visão não patológica.	Contribui trazendo uma visão da assexualidade como identidade e não como uma escolha ou patologia. Conclui que a assexualidade é algo intrínseco do ser humano, uma outra forma de se vivenciar a sexualidade, com suas próprias configurações e comportamentos.
THOMAS, Jerry.; NELSON, Jack	2002	Métodos de pesquisa em atividade física	Apresentar uma visão geral do processo de pesquisa.	Caracteriza-se o que é e como é composta uma revisão sistemática de literatura, visando	Conclui-se que a presente pesquisa se trata de uma revisão de literatura, onde foi levantado conteúdos de produção

				todos os aspectos qualitativos de análises literárias.	científica, avaliando e integrando os materiais relevantes para o tema e objetivo da pesquisa.
NURIUS, Paula	1983	Mental health implications of sexual orientation	Objetiva examinar relações entre 4 medidas de psicopatologia clínica (depressão, auto-estima, discórdia conjugal, discórdia sexual), uma medida de atitudes sexuais e medidas de atividades sexuais e preferências sexuais.	Faz também um estudo cartesiano, porém se detém ao tema da assexualidade, relacionando-a a indivíduos com patologias físicas ou mentais e pontos negativos na personalidade.	Mesmo que Nurius tenha apresentado uma visão patológica do assunto, seu estudo teve grande importância na conceitualização da assexualidade pela primeira vez como uma quarta orientação sexual.
OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de	2014	“Minha vida de ameba”: os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola	Compreender as trajetórias de autoidentificação de indivíduos assexuais, com destaque para suas interações sociais na escola durante os	O artigo apresenta vários relatos de pessoas assexuais que se depararam com questionamentos a respeito de sua assexualidade	Há um grande incomodo a confundem-se os termos assexual e assexuado, uma vez que assexuado é o termo utilizado para se referir a organismos que não possuem órgãos sexuais e se reproduzem através de mitose.

			anos da educação básica.	de e seus comportamentos. Alguns relataram comparações a organismos que não se reproduzem sexualmente, as amebas, de uma forma pejorativa. De forma humorada, a comunidade usou isso a seu favor, tornando a ameba uma espécie de mascote e um dos símbolos da assexualidade.	O termo assexuado acaba sendo pejorativo e trazendo uma ideia de anomalia, uma vez que as pessoas assexuais não se diferem de pessoas sexualmente ativas nesse sentido, apenas vivenciam sua sexualidade de forma diferente. Por esse motivo, o termo correto a era usado é assexual.
ROTHBLUM, Esther; BREHONY, Kathleen	1993	Boston Marriages: Romantic but asexual relationships among contemporary lesbians	Explorar relacionamentos assexuais entre mulheres lésbicas e trazer à luz um novo olhar sobre relacionamentos lésbico, sexualidade e identidade sexual.	Apresenta a assexualidade em um contexto específico, voltado a relacionamentos românticos entre mulheres lésbicas. Conceitua a assexualidade apenas	Inova por trazer uma perspectiva da assexualidade dentro de relacionamentos, propondo novas configurações da intimidade dentro das relações românticas. Porém, apresenta a assexualidade num quesito comportamental, não explorando

				como falta de atividade sexual.	questões identitárias dos indivíduos.
ROZENTHA L, Eduardo	2019	Assexualidade: Uma Introdução Psicanalítica	Sob a perspectiva da psicanálise, busca estabelecer, de forma díspar da assexualidade e como gênero e identidade, a compreensão da assexualidade e tomada na acepção da singularidade do sujeito.	Busca trazer a assexualidade sob um olhar psicanalítico, onde a relação do indivíduo com a sexualidade é subjetiva, não interligado a normativas sociais e sim intrínseca do indivíduo.	Como a sexualidade se manifesta de forma subjetiva, a relação dos indivíduos assexuais com sexo e atividades autoeróticas irá variar de pessoa para pessoa. Para alguns, essas atividades podem ser restritas e para outros podem ocorrer sob determinadas circunstâncias.
SANTOS, Thais Pachecos; CARVALHO, Geraldo Mota de	2019	Assexualidade: orientação ou disfunção sexual?	Identificar e analisar na literatura científica qual é o entendimento atual sobre a assexualidade.	O artigo promove a discussão entre o que é assexualidade e o que se caracteriza como disfunções sexuais, esclarecendo quais são os pontos que classificam ou não um transtorno	Segundo o DSM V, a assexualidade não se caracteriza como uma disfunção ou transtorno sexual, sendo excluído o diagnóstico no caso de identificação assexual.

				sexual, de acordo com o DSM.	
SILVA, Vitória Carvalho Rocho da	2021	Midiatização da sexualidade: a emergência da narrativa contra-hegemônica da assexualidade no ciberespaço	A proposta da pesquisa é analisar, pelo viés da teoria da midiatização e do conceito de ciberespaço, a construção da narrativa da assexualidade e por meio de canais online que permitem o estudo, a difusão e a validação da mesma como orientação sexual.	Na atualidade, as mídias virtuais têm contribuído para a expansão da visibilidade da assexualidade, proporcionando plataformas de discussões e interatividade e dos indivíduos que se classificam como assexuais, promovendo maior acessibilidade a temas que não são propagados facilmente nos espaços sociais.	As mídias digitais tiveram enorme influência no crescimento da assexualidade como comunidade, uma vez que viabiliza o encontro e interação das pessoas assexuais que buscam por um contato com o tema e com pessoas que possam ter a mesma identificação. Resultando na criação de grupos e comunidades de apoio que favorecem um ambiente de acolhimento e informação.
STEFANELLI, Bárbara	2020	Assexuais	Compreender o que é assexualidade, e, como	Destrinchar os conceitos básicos do que é	O material foi de extrema relevância para compreender o universo que

			funciona e suas definições básicas, através de entrevistas com pessoas assexuais e especialistas no tema.	assexualidade, a diversidade dentro da comunidade no que diz respeito as preferências, desejos e vivências e como subgrupos e categorias de características que compõe a identidade da pessoa assexual de uma forma subjetiva.	existe dentro da assexualidade, uma gama de característica identitárias e as categorias: assexuais aromânticos, assexuais românticos, gray-a e demissexuais. Além disso, as orientações românticas, sendo elas heterorromântico, homorromântico, birromântico e panromântico.
STORMS, Michael	1980	Theories of sexual orientation	Desenvolver um novo modelo teórico de orientação sexual	Desenvolveu um modelo cartesiano baseado nas orientações eróticas: heterossexual, homossexual e bissexual. Porém sua pesquisa resultou também em uma quarta classificação, que representava	Apesar da aparição da assexualidade em seus estudos como um quarto resultado de uma escala sobre orientação sexual, caracterizado por indivíduos que não apresentavam ou apresentavam pouca orientação erótica, Storms deteve-se apenas a estudar sobre a homossexualidade e bissexualidade.

				a indivíduos com pouca orientação sexual.	
--	--	--	--	-------------------------------------------	--

6 DISCUSSÃO

Foi possível notar que, apesar de ter sido um tema emergente em diversas pesquisas através dos anos, a assexualidade se deparou com muita resistência na sua trajetória para se estabelecer como algo real e válido e se conceitualizar como uma identidade sexual. Dentre essas resistências um dos maiores obstáculos foi o fato da assexualidade ter sido, por muito tempo, retratada como uma patologia. As primeiras pesquisas que fazem alusão de uma outra forma de sexualidade, como as realizadas por Kinsey (1948), Storms (1980) e Nurius (1983), não conceituam a assexualidade, apenas apontam resultados comportamentais de pouca atividade e desejo sexual, não se detendo a interpretação desses dados. Mesmo Nurius (1983), que a traz pela primeira vez como uma orientação sexual, ainda assim reforça a ideia da assexualidade como algo patológico e disfunções psicológicas.

Foi possível observar como essa ideia influencia, até os dias de hoje, o olhar da sociedade para a assexualidade como algo anormal que causa estranheza e hostilidade, por se diferenciar da normativa sexual. Isso dificulta a validação da assexualidade como uma característica natural do indivíduo e causa sentimentos de opressão, discriminação e não pertencimento. Johnson (1977) reforça esse fato através de relatos de mulheres assexuais que se sentem incomodadas com o modo sexualizado que eram retratadas pelas mídias daquela época e o preconceito que enfrentavam por causa de sua identidade dentro de uma sociedade erotizada. Observamos durante toda a pesquisa que tais sentimentos e incômodos ainda são vivenciados pelos membros da comunidade assexual, que lutam para legitimar a assexualidade como uma identidade sexual e conscientizar a sociedade a normalizar o tema, através da propagação informações sobre o que é ser assexual.

[...] se os assexuais são acometidos por algum tipo de sofrimento em decorrência dessa condição, é porque a sociedade os estigmatiza e lhes imprime um rótulo de inadequação, sendo necessário, portanto, que o contexto social mude e se adéque a essa emergente experiência (a)sexual (BEZERRA, 2019, p. 44)

Um ponto importante posto por Santos (2019) e Lima (2021) é de como a partir de vários estudos, pesquisas e também da luta da comunidade assexual para ter sua legitimidade, finalmente foi obtida a correção do DSM-V com a remoção da assexualidade como parte das disfunções sexuais. Tal fato marca uma grande conquista atingida na busca pela legitimação e reconhecimento da assexualidade como algo válido e não patológico.

As principais aliadas na popularização da temática são as mídias sociais, sendo um dos maiores deflagradores a Asexual Visibility and Education Network (AVEN). A criação de grupos e comunidades sobre o tema abriu um espaço para o encontro de pessoas que compartilham vivências e sentimentos semelhantes, desta forma o assunto passou a ser abertamente discutido e propagado. Nesses grupos, as pessoas podem compartilhar suas histórias e como vivenciam a assexualidade, onde encontram uma rede de apoio para se expressarem de uma forma segura.

Pudemos observar que a maioria dos membros desses grupos relataram que seu primeiro contato com o termo assexual foi justamente através da internet, onde encontraram um extenso acervo sobre o tema e se identificaram como pessoa assexual. As pesquisas trazidas por Silva (2021) mostram como antes de haver esse contato, os assexuais sentiam-se rodeados de dúvidas e inseguranças, por não experienciarem a sexualidade como as outras pessoas. Observa-se como tal fato torna-se responsável por um considerável sofrimento psíquico, uma vez que passam a se questionar se haveria algo de errado com eles mesmos. Ao se sentirem diferentes e não estando confortáveis para falar sobre isso com outras pessoas, principalmente pelo medo de serem julgados ou ridicularizados, acabam recorrendo a internet em pesquisas ou após ouvirem algo sobre o termo assexual. Após esse contato, surge uma outra perspectiva de visão sobre quem são e o que estão vivenciando, abrindo assim espaço para que se sintam legitimados em sua identidade como pessoa assexual e não se sintam mais como anormais ou excluídos, mas pertencentes a um grupo social.

Outra consequência da midiatização da assexualidade foi a ampliação do tema a definições de categorias e características diversas que abrangem o que é ser assexual, contribuindo para estruturar e conceitualizar a assexualidade. Não há um consenso absoluto sobre como definir a assexualidade entre identidade e orientação sexual, sendo possível encontrar autores que definam como orientação e outros como identidade. Porém, nota-se que dentro da comunidade há um entendimento maior da

assexualidade como uma identidade sexual, que traz consigo suas próprias orientações românticas e sexuais que envolvem atrações e afetividades, como apontado por Stefanelli (2020).

Em suas pesquisas, Rothblum e Brehony (1993) trazem reflexões sobre relacionamentos românticos dentro da assexualidade. Entende-se que as relações românticas entre pessoas assexuais também não seguem uma regra ou padrão de funcionamento, sendo igualmente fluidas e subjetivas. A presença de fortes laços afetivos parece ser algo unânime nas relações, mas a forma como o relacionamento se configura depende de alguns fatores, como por exemplo se há ou não a presença de desejo e relações sexuais ou se trata-se de um sentimento platônico. No caso dos assexuais românticos, embora não haja o ato sexual, há uma construção de afetividade em torno dessa relação, onde a essência do relacionamento serão os sentimentos afetivos e parceria entre os indivíduos, como por apontado por Rozenthal (2019). Já para os autodenominados gray-a, a existência da atividade sexual depende primordialmente da presença de uma conexão afetiva e sentimentos românticos dentro da relação.

Uma questão que ainda é alvo de certa confusão e prejulgamento está ligada aos chamados assexuais estritos. Para muitas pessoas, essa definição traz uma imagem de uma pessoa insociável e apático, que talvez não apresente sentimentos e afeição para com outros. Trata-se de um estereótipo causado pela ignorância em relação ao tema e pode se tornar bastante prejudicial para esses indivíduos. Munárriz (2019, p. 68) explica que,

ao esclarecerem o que são, explicam que não sentem atração sexual nem por homens nem por mulheres; para eles, é como se o sexo não existisse, de modo que não querem e nem suportam que sejam tachados de doentes, impotentes, estranhos, anormais, alienígenas, misantropos, antissexuais, insatisfeitos sexualmente etc. Consideram-se pessoas normais que não temem o sexo, que não estão condicionadas por prescrições morais ou tabus sexuais, muito menos desejam encontrar um parceiro sexual ou constituir uma família, como a maioria das pessoas. O sexo simplesmente não lhes interessa, e vivem bem assim.

Segundo o que foi observado e trazido por Stefanelli (2020), pessoas assexuais estritas apenas não sentem interesse em ter relacionamentos românticos ou sexuais, mas são capazes de experienciar sentimentos, emoções e desenvolver laços afetivos não-românticos como qualquer outra pessoa.

É notável a importância de pesquisas, desenvolvimento e disseminação desse tema, uma vez que o conhecimento e informações é o principal instrumento no combate aos preconceitos originados pela ignorância da temática. Atualmente, há um avanço bastante positivo em que podemos observar um aumento na transmissão de conteúdos que abarcam a assexualidade, como representações através da presença de personagens assexuais em séries, filmes, livros e até mesmo novelas populares transmitidas no horário nobre na TV aberta. Esse movimento é essencial, uma vez que facilita o alcance dessas informações às pessoas de diversas classes, idades e gêneros.

Há uma tendência que a força desse movimento se intensifique cada vez mais, dando continuidade à obtenção de mais espaços e voz para a comunidade assexual, levando-os a conquistarem o que lhes são de direito na sociedade: respeito, legitimidade e validação da sua sexualidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto, a assexualidade fez alguns aparecimentos em pesquisas relacionadas a sexualidade humana ao longo dos tempos, porém inicialmente alguns autores não se detiveram ao tema ou o trataram com um olhar patológico e disfuncional. Percebemos que com o surgimento e popularização das comunidades e grupos online, pessoas que experienciavam a sexualidade de forma diferente da norma puderam encontrar nesses espaços outros indivíduos que compartilhavam das mesmas vivências. Diante disso, foram criados ambientes seguros e de apoio onde a temática passou a ser discutida abertamente, favorecendo a consolidação da assexualidade como uma identidade sexual e incentivando pesquisas e estudos científicos que se detivessem a explorar o tema. Este fato proporcionou que a temática pudesse alcançar outros espaços e se propagar em diversos meios sociais.

Em suma, pudemos observar pessoas que se sentiam diferentes se depararam de algum modo com o termo, levando-os a necessidade de buscar mais informações sobre a temática. A partir disso, entram em contato com as comunidades e a grande diversidade de relatos e experiências compartilhadas pelos membros, onde se veem retratados, entendem mais sobre si e passam a se identificar como pessoas assexuais. Ao longo das pesquisas, observamos como após o processo de identificação, os assexuais relatam situações discriminatórias, questionamentos constrangedores sobre o que é ser assexual, preconceitos e opressão social.

Mediante à análise apresentada ao longo do trabalho, concluímos que a sociedade ainda não enxerga a assexualidade como uma vivência válida, revelando uma urgência da necessidade de mais debates sobre o tema e propagação de informações, objetivando a conscientização da sociedade sobre a temática.

REFERÊNCIAS

A AVEN - The Asexual Visibility And Education Network. **Overview**. Disponível em: <https://www.asexuality.org>. Acesso em: 12 jun. 2022.

BEZERRA, Paulo Victor. **Assexualidade**: subjetividades emergentes no século XXI. 1. ed. Londrina: EdUEL, 2019. p. 27-65.

CARVALHO, Cláudia Maria Constante Ferreira de. **Identidade e intimidade**: Um percurso histórico dos conceitos psicológicos. 4. ed. Portugal: Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1999. p. 727-741. Disponível em: <https://repositorio.ispa.pt/handle/10400.12/5949>. Acesso em: 26 jun. 2023.

FIEDLER, Peter. **Jóvenes, atractivos, asexuales**. *Mente y Cerebro*, v. 33, nov./dec. 2008.

FONSECA, João José Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila.

GREEN, James. **Birth order and ratio of brothers to sisters in transexuals**. *Psychological Medicine*, n. 30, p. 789-795, 2000.

JOHNSON, Myra. **Asexual and autoerotic women**: two invisible groups. In: GOCHROS, H. L.; GOCHROS, J. S. (Orgs.). *The sexually oppressed*. Nova Iorque: Associated Press, 1977. p. 96-109.

KINSEY, Alfred. *et al.* **Sexual Behavior in the Human Female**. Filadélfia/Londres: W. B. Saunders Company, 1953.

KINSEY, Alfred. *et al.* **Sexual Behavior in the Human Male**. Filadélfia/Londres: W. B. Saunders Company, 1948.

LE MOS, Vinicius. BBC NEWS BRASIL, 2018. **Quem são os assexuais**: relatos de brasileiros que não se interessam por sexo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-45634242>. Acesso em: 5 set. 2022.

LIMA, Camila Marcela Nemezio. **Assexualidade**: os desafios para o reconhecimento e aceitação social. *Revista Ibero- Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, São Paulo, v. 7, n. 3, p. 110-125, abr./2021. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/762>. Acesso em: 1 jun. 2022.

MUNÁRRIZ, Luis Álvarez. **A Identidade “assexual”**. In: BEZERRA, P. V. *Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI*. 1. ed. Londrina: EdUEL, 2019. p. 65-105

NURIUS, Paula. **Mental health implications of sexual orientation**. 2. ed. [S.l.]: The Journal of Sex Research, 1983. p. 119-136

OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **"Minha vida de ameba": os scripts sexonormativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-11052015-102351. Acesso em: 02 mar. 2023.

PEDRO, Wilson José Alves. **O Estudo da Identidade no Âmbito da Psicologia Social Brasileira**. *Revista Brasileira Multidisciplinar, [S. l.]*, v. 9, n. 1, p. 109-116, jan./2005. DOI: 10.25061/2527-2675/ReBraM/2005.v9i1.286. Disponível em: <https://revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/286>. Acesso em: 26 jun. 2023.

ROTHBLUM, Esther; BREHONY, Kathleen. (Eds.). **Boston marriages: romantic but asexual relationships among contemporary lesbians**. Amherst: University of Massachusetts Press, 1993.

ROZENTHAL, Eduardo. **Assexualidade: Uma Introdução Psicanalítica**. In: BEZERRA, P. V. *Assexualidade: subjetividades emergentes no século XXI*. 1. ed. Londrina: EdUEL, 2019. p. 13-26.

SANTOS, Thais Pacheco dos; CARVALHO, Geraldo Mota de. **Assexualidade: orientação ou disfunção sexual? / Assexuality: sexual orientation or dysfunction?**. *Brazilian Journal of Health Review, [S. l.]*, v. 2, n. 4, p. 2709–2728, 2019. DOI: 10.34119/bjhrv2n4-042. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/1976>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SILVA, Vitória Carvalho Rocho da. **Midiatização da sexualidade: a emergência da narrativa contra-hegemônica da assexualidade no ciberespaço**. *Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais, Rio Grande do Sul*, v. 1, n. 4, p. 1-18, abr./2021. Disponível em: <http://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/1341>. Acesso em: 1 jun. 2022.

STEFANELLI, Bárbara. TAB UOL, 2020. **Assexuais**. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/assexuais/>>. Acesso em: 18 set. 2022.

STORMS, Michael. **Theories of sexual orientation**. 38. ed. Washington, DC: Journal of Personality and Social Psychology, 1980. p. 783-792.

THOMAS, Jerry.; NELSON, Jack. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3 ed. Porto Alegre, Artmed Editora, 2002.